

Sessão *Experimentações*

O ALIENISTA HISTÓRIA EM RIMAS¹

Fabrcio Inácio de Oliveira²



Ilustração de Cândido Portinari para “O Alienista”,
de Machado de Assis. Águas-fortes.
Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, 1948.

¹ Assim como Aristóteles nos fala em sua *Poética*, a forma narrativa não determina seu conteúdo. “Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro, as que poderiam suceder”. ¹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985, 2. ed. apud **Poética de Aristóteles**, p. 451.

² Licenciado e bacharel em História (INHIS) e Mestrando em Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: <fabricao_nanuvi@yahoo.com.br>.

Quando alguém insiste num absurdo, ele é chamado de louco. Agora, quando um louco convence muita gente, passa a ser chamado de líder. E, quem insiste que as idéias do líder são loucas, quase sempre é chamado de louco.

(Fala do narrador em *O alienista*, minissérie televisiva produzida pela TV Globo, baseada na obra homônima de Machado de Assis.)

Joaquim Maria Machado de Assis,
o maior literato deste país!³
Contista, poeta, filósofo-romanceiro,
conhecido em Paris⁴ e respeitado no mundo inteiro!

³ Machado de Assis, considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos, possuidor de uma fineza narrativa única e insuperável no trato com os assuntos de seu tempo, em 1882 lançou o livro de contos *Papéis Avulsos* e entrou em sua fase madura, assim considerada pelos críticos literários. Dentre tantos contos, o *O Alienista* tornou-se o mais impactante, expressivo e moderno, tratando criticamente de um assunto que, abertamente, somente ganharia polêmica mais de oitenta anos depois com o lançamento do livro *A história da loucura na Idade Clássica*, do filósofo-historiador Michel Foucault. O conto de Machado de Assis ocupa lugar de destaque na literatura brasileira, não somente pela repercussão obtida desde seu lançamento, ou pelos estudos que já suscitou, mas por tratar-se de uma ótima fonte histórica e uma obra narrativa que retrata a construção da loucura no imaginário popular no transpor do século XIX para o XX dialogando com representações acerca da realidade brasileira; além de, ao estilo machadiano, configurar-se numa grande análise da alma humana regada com sutil ironia. O claro entendimento da obra citada possibilita uma maior instrumentalização das formas e conteúdos existentes no alienismo (entenda-se conjunto de práticas médicas) no que se refere a interesses políticos, ideológicos e tudo mais, sendo esta de valor para a compreensão da institucionalização da loucura não só no Rio de Janeiro como em todo Brasil.

⁴ Atenção para o prestígio e nobreza, caros colegas!

Bruxo do Cosme Velho⁵
fez-se o seu apelido.
Visionário, vanguardista,
um profeta introvertido⁶

Machado de Assis era incrível:
mulato, pobre e epiléptico,⁷
estudava e evoluía.
Isto sempre foi seu mérito!

Se freqüentou escolas,
não se pode afirmar.
No entanto, aos 15 já escrevia
em latim e, o francês sabia falar⁸

⁵ Machado de Assis morou da idade adulta até a sua morte em uma casa velha na rua do Cosme Velho, por isso “do Cosme Velho”. A denominação de “Bruxo” fica a critério da imaginação.

⁶ Ainda no final do século XIX, o escritor Machado de Assis, em *O alienista*, apontou esta tendência perseverante de se achar o limite entre a razão e a loucura social e cultural além dos projetos institucionais (sem, no entanto, negar a existência real de perturbações mentais e dos casos patológico-orgânicos). Machado de Assis previu que o processo social de homogeneização cultural se agudizaria em âmbito nacional e que, de maneira realista o futuro seria estreito, num movimento em que, ao estilo de Bacamarte (o médico-alienista do conto), quando o indivíduo se faz diferente, se percebe louco, e, então, morre.

⁷ Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento. Bisneto de escravos, neto de escravos libertos e filho de agregados dos donos da chácara na qual vivia. Sua infância se passou em um clima de submissão aos donos das terras. “Os anos de 1840-1850 assistiram ao apogeu do sistema patriarcal; para alguns foram os seus últimos clarões. [...] o sistema era equilibrado e compensado por um certo tipo de vida afetiva, muito brasileiro, de respeito e submissão.” (FACIOLI, 1982, p. 12-14).

A epilepsia era considerada uma patologia mental apesar de ser muito pouco conhecida as suas causas e seus mecanismos. Não podemos afirmar o quanto a epilepsia afetou a produção de Machado, contudo é certo que, inevitavelmente, tornou-se um fator fundante de angústias e outras emoções que influenciaram na construção interna do homem. FACIOLI, Valetin. Várias histórias para um homem célebre. In: BOSI, Alfredo et alli. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982, p. 09-59.

⁸ Nas biografias consta que provavelmente um padre, amigo da família, ensinou a Machado o latim e o francês.

Escreveu para vários jornais
com seu jeito refinado.
De maneira intelectual
em artigos bem salgados⁹

Deixou de ser partidário
mas nunca de ser político
Virou, do governo, funcionário
E soube seguir o ritmo¹⁰

Aprendeu com maestria
dialogar com o poder.
Escrevia de forma cética
àqueles que sabiam ler

Por ser verdade, eu digo,
não te minto, nem te iludas:
Escreveu *O alienista*¹¹,
*Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹²

⁹ “A crônica: texto de maior proximidade com a vida cotidiana e por isso capaz de expressar mais imediatamente o movimento social, aquelas leis que se vão conformando na medida em que as transformações se processam. A crônica, como gênero literário imediatamente público, circulando pelos jornais diários e cujo consumo é também imediato, foi capaz de expressar primeiro e mais diretamente a percepção que o escritor tinha das correntes subterrâneas que as contradições da sociedade engendravam.” FACIOLI, 1982, p. 39.

¹⁰ “Machado assumiu a glória e o prestígio também como vingança, talvez uma espécie de vingança complementar àquela implícita no texto. Deixou-se cooptar e “embranquecer” na exterioridade de sua relação com o poder e as instituições, mas manteve a produção textual corrosiva e satírica. Ao mesmo tempo que a ideologia propunha-lhe a condição de medalhão e homem célebre, ele escrevia a “teoria do medalhão” e a do “homem célebre”, descarnando as relações e as funções ideológicas dessa condição. Analisava, devolvia e satirizava o jogo que lhe era proposto e imposto.” FACIOLI, 1982, p. 42.

¹¹ ASSIS, Machado de. **O Alienista**. 22. ed. São Paulo: Ática, 1992. Inicialmente publicado em um livro de contos, em 1882, chamado *Papéis Avulsos*, que trazia doze contos do autor.

¹² _____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977. Publicado pela primeira vez em 1881. É apontado

Naquela época dos reis Pedro,
reinava o Pedro número dois.
A propósito, *O alienista*
é de 1882.¹³

Veio em *Papéis Avulsos*¹⁴
junto com mais onze contos.
Saibam que eu não abuso
cada conto, soma pontos.

Falando d' *O alienista*,
pois, "Pois, deste eu falo mais!"
Impressiona a psiquiatria
Lá no Rio e nas Gerais¹⁵
Eu vou contar pra vocês

pela crítica como o primeiro romance brasileiro verdadeiramente Realista, portanto abre a fase Realista do autor e do Brasil.

¹³ É publicado em 1882, o conto "O Alienista", trazendo em meio a paródias, hipérboles, metáforas e carnavalizações (Cf. RIEDEL, Dirce Côrtes. **Metáfora: o espelho de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974, p. 1-27) uma trama encabeçada pelo Dr. Simão Bacamarte, personagem, homem da ciência, "filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas" que, tendo ficado na pequena Itaguaí no interior do estado do Rio de Janeiro depois de recusar o convite de el-rei para que ficasse em Coimbra, regendo a universidade e expedindo os negócios da monarquia, "A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo". aplica suas teorias de investigação psicopatológica nos pacientes que se encontram na Casa Verde (o hospício instituído), no entanto, é ele e somente ele quem tem conhecimento científico para diagnosticar e apontar o limite entre a razão e a loucura e o poder de fazer internar, o que nos traz a reflexão sobre os poderes e saberes da ciência.

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. Disponível em: **Biblioteca Virtual** <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>. Acesso em: 18 jun. 2004.

¹⁵ No Sanatório Espírita de Uberlândia (Uberlândia-Minas Gerais), instituição manicomial cuja existência vai de 1932 a 1980, o discurso oficial (aquele que é difundido pela ideologia da ordem e do progresso que atende aos interesses de um substrato da sociedade, privilegiado social e economicamente, e que nega a diversidade de vivências que não condizem àquela

pois, de Itaguaí, eu li as crônicas.
Se prepare, então, amigo,
é uma historia trágico-cômica¹⁶

É a história de um médico
que pra Itaguaí se mudou¹⁷
(esta cidade foi criada
na imaginação do autor?).

Dr. Simão Bacamarte
Estudara na Europa
mas, a ciência o levou

institucionalizada) era o norte ideológico, em uma cidade que pleiteava um lugar privilegiado no cenário econômico nacional, disciplinarizando, controlando e vigiando. Cf. OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. **Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)**. RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA À FAPEMIG, SHA 617/01, out., 2003, coordenada pela prof^a. dr^a. Maria Clara Tomáz Machado

¹⁶ A narrativa do conto é construída sobre uma veracidade ficcional de documentos oficiais, relatos e crônicas da pequena cidade de Itaguaí e faz morada temporal num momento qualquer entre 1753 e 1808, sendo este recuo uma estratégia do autor para melhor construir uma confiabilidade histórica. A Casa Verde pode ser entendida como metáfora do primeiro hospício brasileiro criado por decreto em 1841, o já citado D. Pedro II. Contudo, no registro megalomaniaco do conto, se aproximará mais com o famoso manicômio francês Salpêtrière, sendo Bacamarte o Pinel-à-brasileira. Cf. PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico – o caso da medicina social. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n. 44, março de 1996, p. 179-198.

¹⁷ Primeiramente, temos a apresentação do personagem principal que passará e será causador de toda a trama, Dr. Simão Bacamarte, médico-psiquiatra que chegado da Europa à Itaguaí, instaura uma rede de poderes legitimados pela construção do hospício da cidade, a Casa Verde. Mesmo dois anos antes que a psiquiatria aparecesse no currículo da Faculdade de Medicina -1884, e quatro anos antes do primeiro psiquiatra assumir a direção do Hospício D. Pedro II -1886. Machado de Assis que era gago, epilético e sem filhos, já tinha motivos pessoais suficientes que construíam uma visão descrente da eficiência do discurso médico. Cf. PATTO, 1996.

à Itaguaí tirar a prova.¹⁸
Acreditava que a loucura
tinha uma medida certa,
que, cientificamente, iria
dar à razão uma parcela¹⁹

¹⁸ No artigo da professora de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis. **Revista Brasileira de História**, v. 16, n. 31 e 32, 1996, p. 108-118, que trata da obra machadiana *O alienista*, encontramos a idéia de se fazer uma leitura benjaminiana (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986) do texto, trabalhando com um duplo processo alegórico referente ao tempo e espaço vividos por seu escritor. Buscando a leitura não-literal do texto e as significações criadas pela linguagem metafórica, poder-se-ia resgatar as sensibilidade perdidas no/do passado.

Sendo a narrativa d'*O alienista* criada em um tempo diferente do autor, Pesavento indica a primeira alegoria. Citando e situando-se no corpo do texto demonstra ser o tempo da narrativa algo entre o final do século XVIII, um século antes do tempo do autor. O tempo da narrativa seria aquele das Luzes, do primado da razão e do cientificismo, sendo que o de Machado, quem sabe, o desdobramento do anterior, com sua potencialidade aumentada. Todavia, no meu entendimento, este tempo criado pelo autor na narrativa é mais um recurso político de não afrontamento da elite letrada de sua época – e, portanto, de subversão da informação que vem recheada de ironia – do que uma alegoria de seu tempo. No entanto, é evidente que Machado de Assis tinha em mente o cientificismo, o evolucionismo e o determinismo de seu tempo.

Por caminhos metafóricos, cruzados com outros sinais históricos, o historiador consegue apreender algo do imaginário coletivo de uma dada época. Apesar da linguagem cifrada, “máscaras do social”, consegue-se vislumbrar aspectos do passado na construção de uma ‘verdade’ histórica.

Interessante notar que fora o pequeno artigo da professora do Rio Grande do Sul, Sandra J. Pesavento, nenhum outro trabalho sobre o conto *O Alienista* foi encontrado em todo o Brasil, feito por historiadores. O que traz à tona a pergunta: em tempo de intenso e acalorado debate sobre a loucura e suas formas de trato e institucionalização, tempo em que o conto *O Alienista* é adaptado para televisão e ganha novas montagens teatrais em temporada que percorre o Brasil todo, tempo em que o conto de mais de 120 (cento e vinte) anos alcança sua vigésima segunda edição e se faz atual e instigante, porque a obra ainda não ganhou a sua devida importância da disciplina História?

¹⁹ “Resistindo às seduções da glória, o doutor Bacamarte define o caráter do cientista: o amor à ciência, o compromisso com a verdade, com a civilização e

Mesmo que a loucura
na cidade era de poucos,
o Doutor Simão decidiu
construir um asilo de loucos.

Palestrou aos vereadores
que a loucura era um fato.
E os ilustres aprovaram
a construção no mesmo ato.²⁰

Na matéria do imposto
não foi fácil encontrar
algo que em Itaguaí
ainda pudesse tributar

Ah!... depois de muito se pensar...

Para os mortos que quisessem
os cavalos emplumar,
eram dois tostões a hora
até a cerimônia acabar.

Uma vez já com a licença
começou a construção.
Era bem na Rua Nova,
a mais bela daquele chão.²¹

com o progresso – expressões de generosidade sempre presentes no discurso médico do século XIX.”Cf. MURICY, Kátia. **A razão cética**: Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo; Cia. Das Letras, 1988, p. 36.

²⁰ No processo de normalização social, higienização urbana e ordenamento médico ocorrido neste período, o poder político é em parte atribuído à figura do médico; e esse assume inclusive a construção do discurso arquitetônico e urbano das cidades. Para Kátia Muricy, o texto de Machado de Assis alcança sua máxima dimensão crítica na medida em que, posicionando-se cético em relação aos seus valores, testemunha este processo e suas idiossincrasias. MURICY, 1988, p. 36.

²¹ Assim como o Hospício Dom Pedro II que foi construído dentro dos arredores do centro da cidade do Rio de Janeiro, mesmo tendo por instruções

Chamaria Casa Verde²²
pelas cores da janela
E os insanos já poderiam
se curar lá dentro dela.

Bem no centro tinha um pátio,
em volta numerosos cubículos
Cinqüenta janelas por lado,
um Panóptico²³ com estilo.
O doutor, grande arabista,
encontrou no Alcorão
que “Alá tira o juízo
pra evitar a pecação.”

Fez gravar em frente ao prédio
no frontispício. Com cuidado
e por medo ao Padre Lopes
atribui o dito a Benedito VIII²⁴

dos médicos higienistas a recomendação de que tal instituição deveria ser construída fora da cidade para evitar que as brisas levassem os males aos sãos e para que os loucos desfrutassem de ar fresco, o asilo de Doutor Simão Bacamarte, a Casa Verde, foi construído na principal rua da vila de Itaguaí, a Rua Nova (nome que reflete a idéia de modernidade).

²² Verde é a cor das vestes que eram utilizadas pelos seguidores durante os cultos positivistas, no Templo Positivista. Disso tira-se mais um indício da construção parodística e subjetiva de Machado de Assis. Cf. PATTO, 1996, p. 196.

²³ “No estilo panóptico – ver tudo, saber tudo, cuidar de tudo – segundo o relatório da Comissão Inspetora, de 1874, os edifícios da prisão convergem a um centro comum, de onde se observam perfeitamente todos os corredores das celas, cujas portas colocadas de um e outro lado dão fácil acesso aos guardas. O observatório e os corredores são abertos desde o solo até o teto, de modo que sempre conservam o ar e a luz necessários, e facilitam a ventilação e inspeção do interior.” Cf. o **Relatório da Comissão Inspetora da Casa de Correção da Corte**. Rio de Janeiro. 1874, p. 05 apud MACHADO, Roberto et alii. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 322. O modelo de Panóptico foi criado por Bentham em seu livro homônimo.

²⁴ Nesta passagem do conto percebe-se como o alienista ao mesmo tempo em que demonstra a separação entre o saber-político (exercido fortemente

Bacamarte²⁵ não demora,
começa logo a mirar.
Engatinha, soca a pólvora²⁶
para o alvo acertar.

Aquele que na Casa Verde entrava
vivia sob observação.
Bacamarte lhe classificava:
“ Este é manso, aquele, não!”

Históricos, furiosos,
os deserdados de espírito,

pela Igreja) e o saber-psiquiátrico, ele os une conforme suas conveniências. A medicina social no período do final do século XIX, efetivamente, buscava confluir os vários poderes servindo-lhes de regência no intuito de ratificar um saber psiquiátrico nascente. Outra exemplar passagem está no capítulo intitulado “*Dous lindos casos*”, em que o barbeiro Porfírio, depois de ter incitado e comandado uma rebelião vencedora contra os abusos de poder de Simão Bacamarte, destituído a Câmara de vereadores e tornado-se o governante da vila a mando de Sua Majestade, propõe ao médico-psiquiatra um conchavo de poderes, objetivando se favorecer dos prestígios da ciência.

²⁵ Perceba a força e o poder coercitivos expressos nesse nome profundamente carnavalizado (significado 01 abaixo) e, também, o descrédito bufão e desmerecedor (significado 03). Vale a pena a observação contida em Análise Semântica: BACAMARTE [Do fr. braquemart.] S. m. 1. Arma de fogo de cano curto e largo, reforçada na coronha. 2. Turfe Cavallo que habitualmente chega entre os últimos colocados; pungá. 3. Bras. Indivíduo inútil, imprestável, pesadão. 4. Bras. RJ Gír. Coisa velha; traste.” Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI**, versão 3.0, Editora Nova Fronteira e Lexikan Informática, novembro de 1999.

²⁶ Para Maria Helena Souza Patto, a Casa Verde tanto faz menção ao Hospício D. Pedro II que foi criado por decreto em 1841, como ao famoso hospício francês, Salpêtrière, que foi dirigido por Pinel. Segundo Patto, há indícios ainda mais fortes das intenções de Machado de Assis em carnavalizar e ridicularizar as versões tropicais de instituições e idéias européias no Império brasileiro que se encontram na formação do nome do alienista. “*La Salpêtrière* foi, até 1634, uma grande fábrica de pólvora (*salpêtre* é salitre, mas também significa pólvora), fato citado no próprio nome que batiza o nosso alienista”. (PATTO, 1996, p. 195-196.)

Monomaníacos, com certeza!
Por Pinel²⁷, já estava escrito.
Houve muitos que estranharam
a atitude do Doutor.
Colocar os loucos juntos
parecia um horror.

“Todos juntos nesta casa
eu posso²⁸ olhar melhor.
A ciência é uma constância

²⁷ “A inclusão dos monomaníacos nessa classificação dos habitantes da Casa Verde é outra indicação do caráter contemporâneo de *O alienista*. O conceito de monomania, de Esquirol revolucionara a compreensão de doença mental.” ESQUIROL, J. E. D. De la manie. In: **Des maladies mentales**, tomo II, p. 134 apud. MACHADO et alii., 1978, p. 386. “Entendida até então como desordem da razão, a loucura era estritamente pensada como perda ou desarranjo das faculdades intelectuais. Considerando o fenômeno do delírio, Esquirol irá constatar a sua presença por vezes apenas parcial, referida a um único objeto. Essa constatação o conduzirá ao estudo das paixões, dos afetos, e a compreensão de que a alienação mental caracteriza-se mais por uma desordem do afeto que da inteligência. A loucura é um fenômeno moral e não intelectual.” MURICY, 1988, 41.

²⁸ Segundo Gomes (GOMES, 1993, p. 145-160), o texto não trata da loucura, pois não há preocupação alguma sobre a conceituação do que viria a ser a loucura. Machado de Assis não teria pretendido colocar nada no lugar das propostas lunáticas de Bacamarte, ao contrário disso, ele teria pretendido minar as bases do projeto psiquiátrico que se constitui um empreendimento normatizador, por isso, em vez de apontar a loucura definida limitou-se a narrar um grande desastre que, certamente, já tinha para si como bem provável de acontecer num futuro próximo. Fala-se em parábola de um homem da ciência e o poder de seu discurso na criação científica da loucura, como percebemos a partir da chegada do médico na pequena cidade de Itaguaí uma “torrente de loucos” de todos os tipos (não existia nesta, pessoas loucas), cessando a atividade produtiva da loucura logo que o alienista modifica suas teorias admitindo não haver loucos em Itaguaí: ou havia um só. Só há loucura naquele que a produz. Dentro da máxima ironia da imagem positivista está Bacamarte na busca incessante da verdade numa investigação constante – *Plus ultra!* – e, tentando uma auto-observação com objetividade científica, trancafia o mundo fora da Casa Verde, não sem antes se jogar lá dentro.

meu trabalho sei de côr”.²⁹
Se eu ainda não te disse,
agora eu digo pra você,
este tal de Doutor Simão
era cientista pra valer.

Tudo que ele fazia
era frio e calculado,
fosse pra mudar de idéia?
Ele fazia um postulado!

Até pra escolher esposa
calculou como cientista:
“Dorme bem, digere bem?,
caso com Dona Evarista!”³⁰

Evarista era feia,
viuvinha e educada,

²⁹ “À luz tropical, o progresso – a ciência e a filosofia européia – sofre metamorfose; no espelho brasileiro a razão moderna projeta uma nova face. Assim, as teses médicas brasileiras sobre a alienação mental do século XIX, que copiavam servilmente os autores franceses – Pinel e Esquirol. Como estes, defendiam a observação como procedimento científico por excelência, mas não dispunham de qualquer prática asilar. Trabalhando as teorias francesas sem rigor e simploriamente, não cuidavam de suas distinções, confundindo-lhes as questões e os conflitos teóricos.” MACHADO et alli., 1978, p. 383.

³⁰ É análise de Roberto Gomes (GOMES, Roberto. Op. Cit.) a disciplinarização do corpo, da alma e das emoções de Simão Bacamarte. À ele, Simão, “De todos os continentes, é o corpo que deve ser conquistado em primeiro lugar, pois ele é o objetivo, o lugar e o instrumento de luta” e sofre apenas as paixões próprias de um sábio. Um corpo submisso ao discurso científico é a construção que Machado faz de Simão Bacamarte, um homem só da ciência. Assim, levado por pressupostos técnicos e na busca de um casamento higiênico faz a escolha da esposa, D. Evarista, que digeria bem os alimentos e dormia regularmente, sendo capaz de gerar filhos robustos, o que não se faz acontecer mesmo com vários estudos e práticas de Bacamarte, constituindo-se um capítulo da desgraça pessoal do médico.

a Simão não deu os filhos
que ele tanto esperava³¹

Eles até que persistiram,
ele e ela num só esforço.
Ele até lhe receitara,
de Itaguaí, a carne de porco.

Quando a idéia sucumbiu,
dos Bacamartes prolear,³²
o doutor, convicto, riu:
“Só a ciência é o meu lar!”³³

³¹ Ironicamente, todos os cuidados na escolha de sua esposa foram em vão. Evarista não engravida e “à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, - devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.” Inferre-se que a ciência é falha e, por vezes, traiçoeira.

³² Em verdade, o verbo ‘prolear’ não existe na forma culta da gramática brasileira. Este neologismo é parte integrante de minha licença poética na construção da rima. Origina-se da palavra ‘prole’: [Do lat. prole.] S. f. 1. Descendência. 2. Filho ou filhos.

³³ O conto, que por sua extensão e gama de personagens aproxima-se de uma novela, é narrado sob o ponto de vista empírico baseado em Atas da Câmara Municipal de Itaguaí e de outros documentos de época; uma ferramenta idílica de construção do texto muito bem utilizada pelo autor e que nos faz refletir epistemologicamente sobre o que é ficção e o que é real num processo histórico. Parodiando o cientificismo com um ceticismo irônico peculiar, a narrativa segue; Doutor Bacamarte prossegue internando os cidadãos itaguaienses dando continuidade aos seus estudos de entendimento e cura da insanidade por meio da razão cognitiva até quando, percebendo que 4/5 (quatro quintos) da população encontravam-se nas acomodações, inclusive o padre local e a própria esposa, resolveu reavaliar seus métodos e estudos. Analisou da seguinte maneira, se a loucura é um continente e não uma pequena ilha, como havia sido pensado à priori, se a maioria das pessoas possuem desvios de comportamento, assim como o perfeito desequilíbrio das faculdades mentais, o padrão social que se impõe é a própria loucura. Esta é a mais perfeita demonstração de normalidade: o desequilíbrio... a loucura.

Pois bem, ele, depois de ter ‘curado’, desequilibrado e enlouquecido, libertou todos os pacientes da Casa Verde potencializando as vaidades e defeitos de caráter mais marcantes de cada um, internou a si próprio na certeza de ser possuidor de um perfeito equilíbrio mental e moral, pois “pareceu-

Vejam só a equivalência,
grande homem de ciência.
Doutor Simão Bacamarte
é ciência, ciência, ciência!³⁴

lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades, enfim, que podem formar um acabado mentecapto”. E na tentativa insana de enlouquecer, morreu, dezessete meses mais tarde, solitário dentro do hospício.

³⁴ Mas, não se trata simplesmente de chacotear a figura do psiquiatra louco, nem é uma característica machadiana a construção individual de personagens. Diferente disso, o alienista é protagonista de uma tragédia coletiva e social, que fora pintada pela grande loucura cientificista e positivista, que implica na busca dos limites entre a razão e “desrazão”. E quando a ciência faz a decretação de sua própria insanidade é que se percebe uma torrente de vítimas as quais são arrastadas pela fé cega na verdade científica e que o enlouquecido Dr. Simão Bacamarte é apenas mais um que não se escolhe louco, mas é vitimado pelas próprias crenças. O que permanece claro, na mensagem que o texto nos traz, é a tendência ao fracasso destes saberes que pretendem apreender de forma objetiva e rigorosa o conhecimento total do mundo e da mente humana.

Assim, o que temos como grande debate n’*O alienista* não se dá na base filosófica nem epistemológica da ciência, certamente fala-se da ciência, mas no tocante ao poder da ciência, esta é chave da interpretação. Machado está preocupado em colocar em questão os saberes normalizadores que surgiam cada vez mais fortes em sua época, tornando-se poderes perigosos. Isto explicaria porque o texto não possui reivindicações nem faz propostas ou defesas; nenhum poder é inocente, então não há motivos para se comemorar ou sermos otimistas em relação à razão e a ciência, pois são esses geradores de poderes imensos e incontroláveis.

Mas para Maria Helena Patto, o forte desta narrativa machadiana são as referências irônicas à situação política e social que o Brasil apresenta. Situações como a condição difícil do agregado na figura de Crispim Soares, a estrutura patriarcal demonstrada principalmente quando da comitiva da esposa de Simão, D. Evarista, ao Rio de Janeiro e o ecletismo desmedido que é bem indicado no amontoado de referências do alienista em seus estudos e na fala de secundários e o abuso do poder pessoal bacamartiano como que parafaseando D. Pedro II, “a sciencia sou eu”, fazem um retrato realista do Brasil monárquico. Indica-se paródias como medidores do ambiente criador de Machado, como o “Dia do Volto” em alusão ao Dia do Fico, quando Simão resolve voltar da metrópole para a colônia, a aderência do líder da Revolta dos Canjicas ao lado inimigo logo após a vitória em alusão à identidade entre os liberais e os conservadores

A loucura, que era ilha
rodeada de razão,
transformou-se em continente
e já não cabia na prisão.

Na cidade, pasmem todos,
encontrou-se muitos loucos.
O asilo ficou lotado
e ampliou-se a construção pro lado.

O alienista, alienando,
procurava com determinação
os limites da loucura.
Você é louco? É, ou não?³⁵

Por “ vaidade excessiva ”³⁶
ele internou Dona Evarista

e, também, a escolha da cor das janelas do hospício que lhe daria o nome por fim, Casa Verde, sendo esta cor usada nas vestes rituais no Templo Positivista brasileiro. Estas paródias são parte de uma estrutura social debochada que convivia com a escravidão, o clientelismo e poderes arbitrários. Infeliz somente na colocação da grande ausência do tema da escravidão, a autora negou-se o entendimento que a intenção do conto não é trabalhar especificamente esta temática e que nenhum aspecto social conjuntural deixa de ser percebido nos conflitos expostos pelo autor, lembrando que o texto é uma obra literária e não um panfleto, um manifesto ou uma clara declaração pessoal do autor sobre suas preocupações.

³⁵ Roberto Gomes enxerga, pelos olhos de Simão Bacamarte, um mundo dividido entre o presente e o futuro, a besta e o gênio, o sábio e o vulgo, a razão e o sentimento, que reflete na verdade a construção de um discurso rígido cujo espaço é também muito bem delimitado: o continente da loucura. O corpo do texto de Machado serve um prato cheio de uma ironia implacável, revestida com ceticismo agudo sobre os ideais republicanos e positivistas. A face política do texto é a representação do jogo de forças que se chocam em torno da normalização urbana na cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX. Cf. GOMES, 1993.

³⁶ A alegoria do espaço social se dá de forma mais acentuada quando da Revolta dos Canjicas, demonstrando aburguesamento cego da época através da cena em que D. Evarista, sendo avisada repetidamente da rebelião

“Esses sintomas... Conheço o caso,
para curar é curto o prazo!”

Percebendo os seus internos,
quatro quintos da população,
incurtiu-lhe a idéia
de inverter a remoção.

Para os verdadeiros cientistas,
a investigação não pode parar.
A mais nova teoria:
“Quem prendi, eu vou soltar!”

“Solto todos que prendi,
pois são desequilibrados e isto é normal!
Interno os equilibrados das faculdades (!),
Pois aí que está o mal!”

Os libertos agradeceram
e beijaram a sua mão.

que pretendia massacrar com o império de seu marido, não consegue dar ouvidos à notícia pois está entretida com a costura de um dos seus vestidos. “Tudo está dito: a alienação das camadas privilegiadas, o isolamento da elite frente a realidade, a preocupação com as mesquinhas cotidianas de um mundo fechado! E quando da internação da maioria dos habitantes da fictícia Itaguaí, a autora comenta, [...]. Na metafórica transposição de sentido realizada pelo autor, todos os tipos sociais e comportamentais presentes no “espaço real” – a sociedade carioca – apresentados na “cidade irreal” de Itaguaí foram enquadrados como insanos. Frente a metáfora visível da imagem urbana, ocultam-se os significados implícitos da crítica social, arrasadora na sua mordacidade e na revelação das fraquezas humanas e das representações criadas por um mundo aburguesado de herança colonial e escravista, tal como o que fora criado no país.” PESAVENTO, 1996, p. 114 “De modo semelhante, em *O alienista* tudo se passa como se sob o vestido suntuosos de seda francesa de uma baronesa brasileira aparecesse, desconcertante, uma ponta de anáguas de algodão cru.” PATTO, 1996, p. 198.

Bacamarte era a figura
do famoso Napoleão³⁷

Com os novos loucos
Bacamarte, só regozijo foi ter.
Pra curar-lhes a insânia
bastava uma falha de caráter.

Mais que isso foi *Plus ultra!*
Teoria?? Sim, veio outra.
Preste atenção, caro leitor,
aquilo foi assustador!

Não lhe bastou o reinado
da razão em Itaguaí
questionou se ainda havia
a última verdade por vir.

“Quem curei e foi curado
era doido ou pareceu?
Descobri qual era cura
Ou o louco que sou eu?”

Angustiado pela dúvida
resolveu se internar.
Internou-se na Casa Verde
pra se diagnosticar.

³⁷ “Na Paris do início do século XIX, Esquirol tinha fichas de pacientes que pensava que eram Napoleão. Ligações nítidas iam sendo forjadas na psiquiatria emergente entre os delírios de poderes dos loucos comuns e as fantasias de reis, políticos e pregadores reais. A partir da Revolução Francesa, passando por Adler e Wilhelm Reich, em sua investigação das raízes psicológicas do fascismo – a necessidade dos pequenos de imitar os grandes – a vontade de poder veio a tornar-se uma doutrina central da psiquiatria, tornada clínica na megalomania etc.” PORTER, 1991, p. 56-57.

Não se sabe o que ocorreu
àquele Doutor-Simão-Bacarmarte.
Homem que viveu na terra
e talvez morreu em Marte!
Só se sabe que morreu
procurando uma razão
pra explicar a sua loucura.

À sua loucura,
À minha, não!

Julho de 2004

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *O Alienista*. 22. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2. ed., 1977. Publicado pela primeira vez em 1881.
- _____. *Papéis Avulsos*. Disponível em: Biblioteca Virtual <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>. Acesso em: 18 jun. 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FACIOLI, Valetin. Várias histórias para um homem célebre. In: BOSI, Alfredo et alli. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*, versão 3.0, Editora Nova Fronteira e Lexikan Informática, novembro de 1999.
- GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. *Tempo Social – Rev. Sociol.*, São Paulo: 5(1-2), 1993.

OLIVEIRA, Fabrício Inácio de. *Almas enclausuradas: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. RELATÓRIO FINAL DO PROJETO DE PESQUISA NA COORDENAÇÃO DA PROF^a DR^a MARIA CLARA TOMÁS MACHADO À FAPEMIG, SHA 617/01, out., 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. Teorema e cataplasmas no Brasil monárquico - o caso da medicina social. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 44, mar. 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto O alienista, de Machado de Assis. *Revista Brasileira de História*, v. 16, n. 31 e 32, 1996.

PORTER, Roy. Loucura e poder. In: *Uma história social da loucura*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2. ed., 1991.

MACHADO, Roberto et alii. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora: o espelho de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 2. ed., 1985.